



## HOMENAGEM

# Sir Winston Churchill e a sua recusa em negociar com a Alemanha Nazi

*Têm aparecido uma geração de historiadores ditos conservadores, melancólicos com a perda do império que entendem que seria possível chegar a um entendimento com a Alemanha de Hitler. Neste campo, destaca-se John Charmley que, para além de sustentar que a política de apaziguamento<sup>1</sup> encetada por Neville Chamberlain<sup>2</sup> era a mais correcta (e que Churchill impediu de alcançar<sup>3</sup>), entende que as propostas de paz de Hitler mereceriam reflexão<sup>4</sup>, pugnando que o momento adequado para essa negociação seria em 1941.*

74

O escopo do presente ensaio visa responder à seguinte pergunta: devia Churchill ter negociado com a Alemanha nazi? Para tal vai-se expor os argumentos de Churchill e de Charmley, sendo que o presente ensaio defende que Churchill esteve correcto ao nem encetar negociações com a Alemanha. Na verdade, Churchill sustenta dois motivos para não encetar negociações com a Alemanha: em primeiro lugar, se abrisse negociações e caso estas falhassem, depois não conseguiria motivar uma nação a combater. Em segundo lugar acrescenta que as condições nazis seriam cartaginesas. Ora, é justamente este cenário que Charmley verbera, convencido que o império britânico poderia ter sido mantido e que o aparecimento dos EUA como potencia mundial seria evitado.

De resto, apostado em desconstruir o mito de Churchill, Charmley aponta (aparentemente) diversas inconsistências na sua atitude: aquele criticou ditadores mas defendeu Franco, bem como até defendeu a soberania e integridade da Checoslováquia mas opôs-se ao “Home Rule” da Índia.

Todavia, quando foi confrontado que isso implicaria fazer a paz, ou pelo menos acordar num armistício, Charmley escudou-se num argumento singular: não defendia o armistício, mas a Grã-Bretanha devia se abster de atacar – de molde a permitir à Alemanha que concentrasse os seus esforços na Frente Russa.

A tese prima pelo surrealismo, porquanto não passa pela celebração de um armistício mas simplesmente pela diminuição do esforço de guerra. Efectivamente, isto seria uma espécie de “acordo de cavalheiros” (onde só existe um cavalheiro) de

molde a permitir que a Alemanha concentrasse todos os seus esforços na frente russa, pois o confronto entre os dois sistemas totalitários seria vantajoso<sup>5</sup>.

A construção de uma tão ousada teoria está sustentada num arrojado método de investigação histórica. De facto, Charmley gabou-se de efectuar uma pesquisa “(...) without the baggage of memories”, porquanto não entrevistou pessoas que presenciaram determinados acontecimentos devido a estarem “inebriados” com a adulação por Churchill.

Ora, é preciso combater este tipo de metodologia, este racionalismo dogmático que se explica a si próprio baseado puramente em fontes documentais assépticas – expurgadas da componente testemunhal que só toldam a pureza racional deste tipo de historiografia.

Esta teoria não consegue explicar que como é que a Alemanha não deixaria de atacar os navios ingleses ou de bombardear Londres. De resto, como explicar esta opção abstrusa a cidadãos ingleses em tempo de guerra? Imaginemos o seguinte cenário: “A minha casa foi bombardeada pela Luftwaffe” e em resposta obteria “não se preocupe, não podemos ripostar, pois temos de ajudar a Alemanha contra os bolchevistas”. Decerto, Charmley perceberia a incongruência e inaplicabilidade da sua teoria caso entrevistasse pessoas que tivessem vivido neste período de guerra.

Em bom rigor, Charmley é que não compreende o nacional-socialismo, nem as bibliografias dos seus livros demonstram conhecimentos aprofundados acerca dessa ideologia – sendo esta equiparada a uma mera extensão do fascismo. Ao invés, Charmley procura caracterizar o espírito vitoriano em Churchill, elevando-o ao patamar de “teoria racial paternalista”<sup>6</sup>, sendo apanágio de uma visão demasiado racionalista de determinados historiadores que entendem que em política existe sempre a boa





solução. Por vezes, o estadista está confrontado perante a escolha entre más soluções – sendo que a pior é a inacção.

É certo que os documentos oficiais provam que Churchill pensou em encetar negociações com a Alemanha – mas o importante é que não tomou essa decisão. Aliás, qualquer estadista tem de pensar, amiúde, em todo o tipo de cenários, mas uma situação completamente diferente é transmitir desespero ou desânimo aos seus pares. Por outro lado, essa capacidade de motivação foi elogiada por Sir Isaiah Berlin em 1949 no seu ensaio “Mr. Churchill”, que considerou este um profundo conhecedor do sentido do passado e das trevas da natureza humana.

Efectivamente, foi o que se passou com Churchill, teve dúvidas, mas perante os membros do seu gabinete e perante o povo inglês, mostrou ser inabalável, convicto – era o que se esperava de um líder. Mas porque é que Churchill defendia que depois não conseguiria motivar os seus cidadãos caso as negociações falhassem?

Para entender Churchill é preciso compreender a sua faceta de antigo Oficial de Cavalaria formado em Sandhurst e que, ora como militar, ora como repórter, estivera em diferentes teatros de operações: Cuba, Índia, Sudão, África do Sul e França. Nestes cenários não demonstrou inibições, bem como correu bastantes riscos e aprendeu como motivar homens para enfrentar as adversidades. Neste aspecto, urge salientar que o seu dom da palavra foi determinante e apreendeu que não podia mostrar dúvidas e anseios quando lidava com os seus subordinados.

Ademais, desde muito cedo aprendeu que o homem é o fazedor do seu destino, inserindo-se nessa filosofia o seu livro “A Guerra do Rio”. Apesar do condicionante geográfico, o homem tem a última palavra – o oposto de teses deterministas da geopolítica como Mackinder e Haushofer<sup>7</sup>.

Da mesma maneira, o denominado “espírito vitoriano” tão acintosamente verberado por Charmley, fez com que Churchill se opusesse ao mau tratamento dado aos Boers e aos campos de concentração a que estes foram submetidos<sup>8</sup>.

Cumpre ainda assinalar que, mesmo em momentos de tensão, Churchill sobre mostrar elegância e excelência em múltiplos dos seus actos, porquanto após ter fugido de um campo detido pelos Boers, escreveu uma carta ao Secretário de Guerra Bóer, Lois de Souza, para não punir os guardas porquanto não tinham tido culpa na sua evasão<sup>9</sup>. De igual modo, na declaração de guerra ao Japão, não deixou de expressar a sua educação – terminando esta com “respeitosos cumprimentos”.

De igual forma, como Oficial do Exército demonstrou gratidão e camaradagem aos seus subordinados. Quando assumiu o cargo de Secretário de Estado das Colónias em 1906, soube envidar os seus melhores esforços para recompensar o soldado que lhe salvou a vida (Charles Roberts<sup>10</sup>). Ademais, deu um enxerto de sua pele a um camarada oficial (Richard Molyneux<sup>11</sup>) – antes de abandonar Cartum.

Todavia, no decurso da campanha eleitoral em 1945, a equiparação de um governo trabalhista liderado por Atlee (e que fora membro do seu gabinete de guerra) a uma forma de Gestapo<sup>12</sup> teve efeitos devastadores – e o espírito vitoriano presente no povo inglês não perdeu essa falha. Apesar disso, aceitou a decisão do eleitorado inglês e foi ocupar o seu lugar de deputado na câmara dos comuns – sendo paradigmático da excelência na política, no qual não existem lugares menores.

*Desde muito cedo aprendeu que o homem é o fazedor do seu destino, inserindo-se nessa filosofia o seu livro “A Guerra do Rio”. Apesar do seu condicionante geográfico, o homem tem a última palavra – o oposto de teses deterministas da geopolítica como Mackinder e Haushofer*

## HOMENAGEM SIR WINSTON CHURCHILL

Resulta do exposto que, a possibilidade de, simultaneamente, defender a todo o custo uma nação e negociar com o inimigo é algo incompreensível para Churchill e que se pode ser consubstanciado na seguinte fórmula: “we shall fight on the beaches... and in the meantime we gonna hear the german proposal for peace”.

Além disso — e ainda mais determinante — era o preço a pagar por celebrar um acordo com a Alemanha, que significaria o fim da democracia liberal e, ao contrário do que Charmley supõe, do seu império<sup>13</sup>.

Nesse sentido, apesar de Hitler ser um decisor político tão cristalino no que tange às suas intenções, vertido em inúmeros documentos e livros (v.g. Memorando Hossbach<sup>14</sup>), ele escreveu uma seqüela ao “Mein Kampf”<sup>15</sup>, denominado o “2.º Livro”, e que só foi publicado após a sua morte — pois entendia que era demasiado revelador da sua política externa. Neste livro, Hitler via a Grã-Bretanha como aliada da Grande Alemanha, contra os Estados Unidos. E que aliado seria este? Despojado do poderio naval e sem o império — submisso à Alemanha e à sua ideologia totalitária<sup>16</sup>.

Pior, os destinos de Sir Isaiah Berlin e Raymond Aron, entre outros, estariam traçados<sup>17</sup> e nesse sentido, Andrew Roberts especula como contrafactual que, devido à distância, a Grã-Bretanha teria a horrível “honra” de albergar campos de concentração com câmaras de gás<sup>18</sup>.

Perante este cenário, é possível que um acordo com a Alemanha poupasse à Grã-Bretanha bastantes vidas e algum conforto material. Contudo, a curto prazo, a liberdade, o pilar de Rhodes da democracia liberal se extinguiria<sup>19</sup> — sendo estas as condições cartaginesas a que Churchill se referia.

De resto, até pessoas que defendem ideias diametralmente opostas à democracia liberal, como Eric Hobsbawm (mas que combateu na II Guerra Mundial), concordam que Churchill esteve bem ao nem sequer encetar negociações com a Alemanha — embora também elogiando a posição concordante dos ministros trabalhistas do seu governo<sup>20</sup>.

Por conseguinte, por tudo quanto foi discorrido, Churchill esteve correcto ao não encetar negociações com a Alemanha nazi e a liberdade dos povos da Europa ocidental deve-lhe isso.

Para finalizar, apraz-me registar que, apesar dos atentados de Londres de 7 de Julho de 2005, os cidadãos britânicos mostraram que são filhos de Sir Winston Churchill. Realmente, com a sua serenidade, sem espírito de vingança e imbuídos de um espírito vitoriano, não tiveram receio de sair de casa e enfrentar o amanhã, sem medo do terrorismo *jihadista* — tal como ontem de enfrentar o totalitarismo nazi. ●

- BERLIN, Isaiah, *Mr. Churchill*, *The Atlantic Monthly*, September 1949, vol. 184, n.º 3, consultado em 21 de Agosto de 2007, disponível em <http://www.theatlantic.com/past/issues/49sep/berlin.htm>.
- BEST, Geoffrey, *Churchill, A Study in Greatness*, London, Penguin Books, 2002;
- CHARMLEY, John, *Chamberlain and the Lost Peace*, Chicago, Ivan R. Dee, 1989;
- *Churchill: The End of Glory. A Political Biography*, London, 1993;
- *Churchill's Grand Alliance*, New York, Harvest Book, 1995;
- CHURCHILL, Winston S., *The Second World War: Volume I, The Gathering Storm*, New York, Houghton Mifflin Company, 1.º ed.º 1951; 1985;
- CHURCHILL, Winston S., *Never Give In*, New York, Hyperion, 2003;
- COCKETT, Richard, *Twilight of Truth: Chamberlain, Appeasement and the Manipulation of the Press*, Weidenfeld and Nicolson, London, 1989;
- EBERLE, Henrik, UHL Matthias, *The Hitler Book, The Secret Dossiers Prepared for Stalin*, London, John Murray, 2005;
- FERGUSON, Niall, *A Guerra do Mundo, Uma Idade Histórica de Ódio*, Porto, Livraria Civilização Editora, 2006;
- *História Virtual*, (org), Lisboa, Tinta-da-China, 2006;
- GILBERT, Martin, *Churchill: Uma Vida*, Lisboa, Bertrand Editora, 2003;
- GONÇALVES, Francisco Jorge, *Chamberlain e a Tentativa de Apaziguar Hitler para Alcançar a Paz em Nosso Tempo: Análise de um Apaziguamento Impossível*, Revista Militar n.º 2485/2486, Fevereiro/Março, 2009;
- HITLER, Adolf, *A Minha Luta*, Porto, Edições Afrodite, 1976;
- HUMES, James C., *Biography: Winston Churchill*, New York, DK Publishing, 2003;
- HOBSBAWM, Eric, *Tempos Interessantes: Uma História do Século XX*, Porto, Campo de Letras, 2005;
- KENNEDY, Paul, *Strategy and Diplomacy, 1870-1945: Eight Studies*, Fontana Press, 1984;
- KERSHAW, Ian, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, London, 1998;
- *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, London, 2000;
- *Fateful Choices – Ten Decisions That Changed The World, 1940-1941*. London, Penguin, Allen Lane, 2007;
- KISSINGER, Henry, *Diplomacia*, Lisboa, Gradiva, 1994;
- LUKAKS, John, *Cinco Dias em Londres*, Lisboa, Aletheia, 2007;
- MCDONOUGH, Frank, *Hitler, Chamberlain and Appeasement*, Cambridge University Press, 2002;
- PARKER, R. A. C., *História da Segunda Guerra Mundial*, Lisboa, Edições 70, 1989;
- (org), *Winston Churchill: Studies in Statesmanship*, London, Brassey's, 2002;
- ROBERTS, Andrew, *Hitler & Churchill, Secrets of Leadership*, London, Weidenfeld & Nicolson, 2003;
- ROBBINS, Keith, *Churchill*, Editorial Inquérito, 1997;
- TAYLOR, A.J.P., *The Origins of the Second World War*, New York, Touchstone Simon & Shuster, 1996;
- WEINBERG, Gerhard L., *Hitler's Second Book: The Unpublished Sequel to Mein Kampf*, New York, Enigma Books, 2006.

*No decurso da campanha eleitoral em 1945, a equiparação de um governo trabalhista liderado por Atle (e que fora membro do seu gabinete de guerra) a uma forma de Gestapo teve efeitos devastadores — e o espírito vitoriano presente no povo inglês não perdoou essa falha. Apesar disto, aceitou a decisão do eleitorado inglês e foi ocupar o seu lugar de deputado na câmara dos comuns — sendo paradigmático da excelência na política, no qual não existem lugares menores*

<sup>1</sup> A política de apaziguamento não tinha sido iniciada por Neville Chamberlain. Pode situar-se aquando da morte de Palmerston's em 1865. Cfr. Paul Kennedy, *Strategy and Diplomacy, 1870 1945: Eight Studies*, Fontana Press, 1984, p. 20.

<sup>2</sup> Para entender o decisor político Neville Chamberlain e a sua procura pela paz, é ne-



cessário também compreender o que o seu meio-irmão tinha alcançado nesse campo. Na verdade, a Austen Chamberlain foi atribuído o prémio Nobel da Paz, juntamente com Stresemann e Briand devido ao seu esforço que culminou com a assinatura do Tratado de Locarno – que apaziguara a Alemanha e a integrou na Europa. Porém, Austen Chamberlain, no final da sua vida (morreu em 1937), tinha alertado acerca do perigo que Hitler representava.

<sup>3</sup> Urge trazer à colação sobre a manipulação e as enormes pressões que o Governo de Neville Chamberlain exerceram sobre os órgãos de comunicação social ingleses, para implementação da política de apaziguamento como única política válida. Cfr. Richard Cockett, *Twilight of Truth: Chamberlain, Appeasement and the Manipulation of the Press*, Weidenfeld and Nicolson, London, 1989, *passim*.

<sup>4</sup> Cfr. John Charmley, *Churchill: The End of Glory. A Political Biography*, London, 1993, p. 400.

<sup>5</sup> Este argumento já fora utilizado pelo então primeiro-ministro Stanley Baldwin. Todavia, este tipo de argumentação utilizado em plena guerra teria efeitos terríveis no moral das tropas – e Churchill sabia disso. Por exemplo, em 1942 (e para evitar dissensões), o ministro da produção Aeronáutica (John Moore-Brabazon), foi forçado a demitir-se por ter admitido publicamente que gostava que a URSS e a Alemanha Nazi se destruíssem.

<sup>6</sup> Charmley não menciona a palavra espírito vitoriano, preferindo utilizado o termo “anglo-saxonismo”. Cfr. John Charmley, *Churchill’s Grand Alliance*, New York, Harvest Book, 1995, p.3.

<sup>7</sup> Diversas ideias defendidas por aquele geopolítico (v.g. espaço vital) chegaram ao conhecimento de Hitler através de Rudolph Hess - que foi ajudante de campo do General Karl Haushofer. Todavia, aquele nunca foi membro do partido nazi (um dos seus filhos foi fuzilado por estar implicado na conspiração para derrubar Hitler), e até chegou a estar preso.

<sup>8</sup> Cfr. Martin Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, Lisboa, Bertrand Editora, 2003, p.108.

<sup>9</sup> Cfr. Martin Gilbert, *Churchill...*, pp. 101 e 102.

<sup>10</sup> Cfr. Martin Gilbert, *Churchill...*, p.109.

<sup>11</sup> Cfr. Martin Gilbert, *Churchill...*, p.667.

<sup>12</sup> Cfr. Martin Gilbert, *Churchill...*, p.614.

<sup>13</sup> Uma crítica sempre presente em Charmley em relação a Churchill, consubstancia-se no facto da Grã-Bretanha ter sido “obrigada” a abrir as colónias às empresas americanas - face ao endividamento do esforço de guerra. Todavia, deve sublinhar-se que para Churchill a liberdade do comércio era um valor fundamental – e que o próprio chegara a abandonar o partido conservador (e ingressara no partido liberal), quando este prin-

#### 10 DE MAIO DE 1940: CHURCHILL, PRIMEIRO-MINISTRO

No dia 10 de Maio de 1940, Winston S. Churchill tomou posse como Primeiro-Ministro britânico, dando início à epopeia que conduziria à derrota de Hitler. Para assinalar o 70º aniversário dessa viragem na história europeia, o Churchill Centre do Reino Unido promoveu um almoço nos Cabinet War Rooms de Londres, precisamente no dia 10 de Maio de 2010. Estiveram presentes Lady Soames e Celia Sandys, filha e neta do estadista, entre muitos outros, incluindo o director de Nova Cidadania e presidente da Churchill Society de Portugal. Sir Martin Gilbert, biógrafo oficial de Churchill, evocou os acontecimentos daquele dia de Maio de 1940.

cípio foi colocado em causa.

<sup>14</sup> Urge trazer a terreo que A.J.P. Taylor desvaloriza o memorando Hossbach, não atribuindo nenhum papel relevante, nenhum “blueprint” das intenções de Hitler, sendo um documento para consumo interno – além do próprio Hitler não ter ratificado o seu conteúdo. Cfr. A.J.P. Taylor, *The Origins of the Second World War*, New York, Touchstone Simon & Shuster, 1996, p. 131. Porém, no que tange ao memorando Hossbach, quem pretende desvalorizar o seu conteúdo, esquece o facto de este ter sido seguido quase na íntegra por Hitler. Ademais, este memorando foi utilizado no julgamento de Nuremberga como prova, e coincidência ou não, Von Bloomberg e o Coronel-General Von Frietch – que manifestaram oposição às ideias manifestas no memorando Hoosbach – são substituídos. Cfr. Frank McDonough, *Hitler, Chamberlain and Appeasement*, Cambridge University Press, 2002, p. 47.

<sup>15</sup> Importa salientar que Hitler auferia rendimentos bastante elevados, na medida em que o livro “Mein Kampf” era de leitura obrigatória para os membros do partido nazi. Ade-

mais, Hitler era co proprietário da Eher, a editora do partido, bem como tinha acesso (sem qualquer tipo de controlo por qualquer entidade externa) a fundos do partido nacional socialista. Cfr. Henrik Eberle, Matthias Uhl, *The Hitler Book, The Secret Dossiers Prepared for Stalin*, London, John Murray, 2005, p. 7.

<sup>16</sup> Cfr. Gerhard L. Weinberg, *Hitler’s Second Book: The Unpublished Sequel to Mein Kampf*, New York, Enigma Books, 2006, pp. 160 a 174.

<sup>17</sup> Como salienta Ian Kershaw, enquanto os nazis estivessem no poder “(...) os judeus teriam perecido de uma maneira ou outra. Só o método e o timing seriam diferentes”. Cfr. Ian Kershaw, *Fateful Choices – Ten Decisions That Changed The World, 1940-1941*. London, Penguin, Allen Lane, 2007, p.469.

<sup>18</sup> Cfr. Andrew Roberts, “E se a Alemanha tivesse Invadido a Grã-Bretanha em Maio de 1940”, p.241, in Nial Ferguson, *História Virtual*, (org), Lisboa, Tinta-da-China, 2006.

<sup>19</sup> Essa presciência estava devidamente patente no famoso discurso de Churchill proferido na Câmara dos Comuns em 5 de Outubro de 1938 - acerca dos Acordos de Munique: “A Total and Unmitigated Defeat”. Neste discurso, Churchill alertou para o perigo da dominação da Europa pelo regime Nazi, que levaria à supressão de territórios da Grã-Bretanha ou restrições sobre a liberdade de expressão, debate no parlamento - e na imprensa. Cfr. Winston Churchill, *Never Give In*, New York, Hyperion, 2003, p. 180.

<sup>20</sup> Cfr. Eric Hobsbawm, *Tempos Interessantes: Uma História do Século XX*, Porto, Campo de Letras, 2005, p. 217.